

N.º 4.

\*\*\*\*\*

**O CIDADÃO PHILANTROPO,**

ou

**JORNAL POLITICO, LITERARIO,  
E RECREATIVO.**

---

JULHO DE 1836.

---

*Os Senhores que pertenderem subscrever para este Jornal podem dirigir-se aos Redactores do mesmo, pelo correio de Braga, em carta franca de porte; na certeza de que a todo o tempo, que mandem a sua assignatura, lhe serão remetidos os N.ºs por inteiro, a contar do mez d'Abril, primeiro do anno do Jornal. Tambem se subscreve, e vendem N.ºs avulsos na mesma Cidade de Braga, em casa de Luiz Tallone, com Loja de quinquilherias á fonte da Carcova, e na Cidade do Porto na Loja da Imprensa.*

*Preço da assignatura por anno. . . . . 2 \$ 400 rs.  
Numeros avulsos. . . . . \$ 240 rs.*

---

PORTO: 1836. — IMPRENSA DE COUTINHO,  
rua da Fabrica N. 35.

N.º 4.º  
\*\*\*\*\*

**© CIDADÃO PULCINELLAS**

**JORNAL POLITICO, LITTERARIO,  
E RECREATIVO.**

**JULHO DE 1836.**

De honra que pretendem substituir este jornal  
podem distinguir-se nos Redactores de mesmo pelo cortejo de  
Brasil, em carta franca de porte; na carta de que a toda o  
tempo, que mandam a sua assignatura, lhe serão remittidos os  
N.ºs por inteiro, e contra do mez d'April, primeiro do anno  
do Jornal. Tambem se substituo, e vendem N.ºs, a menos no mes  
na Cidade de Brazil, em casa de Luiz Tallez, com Loja de  
quinquilherias a Fonte da Concórdia, e na Cidade do Porto na  
Loja da Imprensa.

Preço da assignatura por anno ..... \$ 100 rs.  
Anuncios de 10 linhas ..... \$ 240 rs.

# O CIDADÃO PHILANTROPO,

ou

JORNAL POLITICO, LITERARIO, E RECREATIVO.

————— 100000000 —————

JULHO DE 1836.

Puisse de nos malheurs le souvenir affreux  
Exciter la pitie de nos derniers neveux,  
Arracher a leurs yeux des larmes salutaires,  
Et qu'ils n'imitent point les crimes de leurs peres.

Monty.

## ARTIGO PRIMEIRO.

### *Politica.*

» As calamidades da guerra, e a fome são sem-  
» pre afflicções passageiras : tempos mais felizes podem  
» logo trazer paz, e abundancia. O povo soffre, porém  
» a sabedoria do governo lhe da esperança de prom-  
» pto remedio. A calamidade da adulação he a unica  
» que sempre fecha todas as portas á esperança. He  
» huma calamidade nacional, que ameaça cada dia no-  
» vos dezares. » (a) Taes são as expressões que Massi-  
lon, o orador por excellencia, dirigia dentro das pare-  
des do Templo a hum dos Soberanos mais esclareci-  
cidos da França. Seguiremos seus dictames, e, quebra-  
das por nós as cadeias da lisonja sobre o padrão da  
Liberdade, não recearemos afrontar o prejuizo, com-  
bater o erro, e debellar o crime dentro de qualquer  
baluarte, que elle procure entrincheirar-se.

---

(a) Petit Careme. Primeiro Domingo. Sermão 2.º

Longas fadigas, generosas concessões, esforços de heroismo, e prazo sobejo de lucta ensanguentada tem sido votado em sacrificio á Liberdade Portugueza. O estado prezente d'este Reino não offerece com tudo aos olhos do observador imparcial o quadro lisongeiro da felicidade. Será por ventura a Liberdade quem arrasta a pós de si o infortunio, e a miseria? Serão as lagrimas, e o pranto consequencia necessaria de todo o sistema liberal?... Não, por certo que não. Os povos mais felizes do Universo forão sempre aquelles, que souberão reconhecer, e exercitar os seus direitos. Roma foi ditosa nos seculos de Emilio, e Cincinato; Sparta e Athenas nos tempos de Licurgo, e de Solon. Hoje a patria de Franklin, e de Penn disfructa centos de delicias desconhecidas aos sectarios do absolutismo; e os dous poderosos Estados de França, e Inglaterra occupão tambem hoje na historia hum lugar bem mais distincto do que nos proprios reinados de Izabel I. e Luiz 14. Qual he pois a origem dos queixumes? o germen dos desgostos? a fonte da miseria?... São os erros politicos de administração, e de governo, que minando pela base o edificio social não calcularão ao mesmo tempo com os meios de reparar suas ruinas: são os crimes d'ambição, e de egoismo, que tem depositado em mãos de poucos as fortunas devidas a muitos; tem monopolisado os empregos, e procurado constituir dentro do estado da miseria hum pequeno estado de ventura. Mas a quem imputar taes crimes? Sobre quem fazer recahir o oprobrio da ignorancia, e mesquinhez? Contra quaes homens, contra que partidos deveremos levantar o nosso brado? Quaes são os da Montanha, os amigos dos extremos, os Dantons, e os Marats?... Quaes são os Condorcets, os Cidadãos virtuosos, que por não arvorar-se em cumplices preferem constituir-se victimas; aquelles, que de boa fé e tenção recta meditão descobrir os meios

de remediar os damnos da Patria ?.. Nós o ignoramos. Submergidos desde muito no pelago infinito de contradicções, e incertezas, que periodicamente se divulgam pela imprensa de todos os partidos, vacillaremos talvez ainda muito tempo na mais desagradavel de todas as duvidas. Porém a ingenuidade, e o patriotismo fallará sempre com nosco. Onde quer que vós existirdes; em qualquer lado do Salão da Assembléa onde fordes assentar-vos, amigos sinceros da vossa Patria, sêde-o tambem nossos. Fazei tremular vossa devisa, e nós haremos alistar-nos debaixo de vossos estandartes: secundaremos vossos exforços, e supposto com brado humilde de escriptores desconhecidos não desanimaremos com tudo de poder prestar algum serviço a Concidadãos patriotas. A Patria soffre; porém seu estado violento não he o do enfermo agonisante. Por espaço de 100 annos foi a Saxonia victima de questões estranhas, que a dilacerarão, e arruinarão: durante meio seculo soffreu ella os effeitos da dissipação, e do luxo; mas em outro meio seculo vio suas perdas reparadas por meio de uma paternal economia. *Tamanhos são os recursos d'essas grandes fortunas, que se chamão governos!* Se tão illustrados como os Saxonios, tão unanimes como elles, e como elles tão despidos de egoismo, e d'ambição efficaçmente nos propozer-mos á grande empresa de reparar o edificio social, confiamos de prompto consegui-lo, estancando com o balsamo do patriotismo o sangue que goteja das feridas da Nação.

Em todos os negocios ha sempre huma ideia principal, e hum ponto de vista geral, que bem se pode dizer resulta do sentimento da verdade, e que o representa com alguma certeza. Em quanto se vai seguindo a direcção d'esta primeira, e como que nativa impressão, caminha-se veloz, com segurança, e sem estorvos: os obstaculos se retirão; as resistencias per-

dem sua intensidade. Os espiritos, as consciências, as vontades geraes todas se applicão em direcção ao bem commum. Porem encontram-se tambem muitas vezes infinidade de prejuizos, interesses de pessoa, e curtas vistas prudenciaes, que procurão encaminhar a direcção, e o andamento dos negocios. Se estes ultimos estimulos prevalescem já não ha marcha segura, termo certo, união de vontades: a persuasão desapparece; a satisfação commum fogio dos corações, e dos espiritos. Evitemos despedaçar a nau do Estado contra estes escôlhos da sciencia dos governos. Apontem-se os males, apontem-se os remedios, e posta em pratica a applicação dos segundo com actividade, e com vigor experimentaremos de prompto o effeito suavissimo do balsamo. — Vejamos se a justiça he recta, e uniformemente administrada em todos os pontos d'este Reino. — Se em todos elles gosa o Cidadão Portuguez tranquillidade, e segurança. — Se pela lei de extincção dos dizimos se respeitárão os direitos sagrados da propriedade. — Se o regulamento dos foraes consultou os interesses da Nação. — Em fim se o povo Portuguez sepultado na mais crassa ignorancia recebeu com o gozo pleno dos direitos sociaes a moralidade de costumes, e o amor das virtudes civicas, que deve caracterisar hum povo livre. — Inquestionavelmente não: todos o conhecem; poucos o confessão; e talvez que menos ainda são aquelles, que aspirão a reparar seus damnos. Os meios não são impraticaveis. Sinceras intenções, e dezejões efficazes he tudo quanto exigimos da parte dos homens do poder a fim de que o prazo do infortunio seja finalmente circunscripto. — Para que o organismo judiciario tome hum andamento regular, e uniforme he forçoso que os Representantes da Nação, se applicuem de prompto, e unanimes em dezejões a refundir pelos alicerces a lei de 16 de Maio de 1832 que diversamente interpretada nos diversos julgados

d'este Reino, não só destróe a uniformidade do Foro; porém ella mesma carregada de contradicções, e anomalias estorva, e impece por effeito de interpretações arbitrarías, e cerebrinas o andamento regular da administração judiciaria, tanto como a recta applicação da justiça individual. He igualmente necessario que um código de leis resumido, e concizo; porem não parodiado dos códigos estranhos, substitua o pelago immenso de leis extravagantes, que continuamente nos sepulta em hum labyrintho de incertezas, e arbitrariedades. — Para restabelecer a tranquillidade, e segurança cumpre que em todos os pontos, aonde ella se tem repetidas vezes alterado, se applicuem remedios tão promptos, e tão violentos quanto o são os crimes, que a perturbão. Carcere, exterminio, e morte contra os fautores do roubo, e do assassinio. Severidade nas leis, vigor nas authoridades, e justiça inexoravel contra o assassino sanguinario. A firmeza, e promptidão das resoluções augmentão o respeito, que ellas inculcão. — Para que o Thesouro se repare do desfalque produzido pelo Decreto de 13 d'Agosto de 1832, para que o Clero de todas as classes seja decentemente alimentado, em fim para que a propriedade não seja violada em classe alguma da Nação he forçoso, e altamente o proclamamos, que despidos os habitos, e origem theocratica da antiga contribuição dizimária, esta seja com tudo substituida de prompto por uma outra igualmente paga em genero; mas que não deve exceder, quando muito, o computo de cinco por cento deduzidos de todos os cereaes. Isto produzirá em resultado huma somma de 1 \$ 200 contos annuaes, que bem fiscalizados, e cobrados como rendas do Thesouro, sobejão para fazer face a despezas muito consideraveis. Não aconselhamos com tudo que esta contribuição seja perpetua. Todo o remedio deve ser accomodado á natureza, duração, e intensidade do mal. Re-

conhecemos que existem n'ella imperfeições, e parcialidades: reconhecemos que em sistema de boa economia não deve existir mais do que huma só contribuição, e essa directa; porém encaramos ao mesmo tempo com a impossibilidade d'outro genero de recurso; pezamos na balança dos interesses os votos dos contentes, dos approvadores d'essa medida reformista, e não quizeramos que para conserva-la em equilibrio fosse necessario carregar tambem por lado d'estes com o peso da espada victoriosa. Marque-se hum termo áquelle donativo, até que mais fielmente recolhida, ou bem lançada a contribuição decimal, se conheça que com ella se podem fazer face ás despesas do Estado. Alimente-se no entanto da fórma, que aconselhamos, o Clero laborioso, e operario: economise-se, e contracte-se de boa fé com os lesados: saldem-se as dividas da Nação, e, quando mais fortes, ou menos acanhados os fundos do Thesouro, extinga-se então se for possível todo o genero de contribuições parciaes, e indirectas, que, só porque indispensaveis, apontamos como uteis. Nem se diga que, levados do espirito de caprichosa opposição ás ideias de reforma, procuramos acintemente menos gabar o engenho creador, que as produziu. Desde já gritamos em alta voz contra o calumniador, contra o aleivoso. A' frente do Exercito das victorias o Duque de Bragança será sempre o nosso heroe; porém nem todos os homens nascêrão para Cesa-res, (a) e aquelle, que tão dignamente soube sobre o campo da batalha fazer-se merecedor das palmas do triunfo, podia muito bem, quando izolado sobre huma rocha do oceano, e a muitas legoas do continente portuguez desconhecendo seus uzos, seus costumes, e até huma parte dos verdadeiros interesses nacionaes

---

(a) Fallamos de Caio Cesar, o author dos Commentarios, que não menos sabia manejar a penna, do que brandir a espada.

falsar no calculo da legislação, que a estes mais convinha. — Para que a lei relativa ás reformas emphyteuticas não prejudique igualmente nem interesses, nem direitos he de necessidade absoluta que por aquella lei d'extincção dos reguengos não se julguem de forma alguma extinctos se não aquelles, que, tendo sobejamente provada a sua origem regia, hoje voltassem á Coroa de qualquer fórma que o dominio a esta tenha sido devolvido. Todo o foro pago pelo emphyteuta a hum Cidadão Senhorio he para este huma propriedade inviolavel. Despoja-lo d'ella he offender os seus direitos, e justificar a lei, que o decreta, he escarnecer da boa fé. — Em fim para que o amor das civicas virtudes, a moralidade, a instrucção, e a sciencia de exercer os direitos sociaes seja difundida entre o povo Portuguez he precizo que o Governo se empenhe em illustra-lo, e corrigi-lo: he precizo que o merecimento seja liberalmente recompensado, e apoiados os talentos, franqueando-se a estes, e tão somente a estes, a carreira dos empregos. Longe as idéas de animadversão, ou patronato! Longe, e bem longe as classificações odiosas, que não deverão existir se não entre a ignorancia, e os talentos, o crime, e a virtude! Escolas publicas devem instaurar-se em todas as Villas d'este Reino; mestres pagos pelos fundos da Nação, e, se os rendimentos do Estado o permittirem, extableção-se tambem cinco Collegios de educação moral, e literaria por cada hum dos Circulos Administrativos. Contra a immoralidade, e contra o vicio huma ou muitas leis de censura rigorosa. Os Censores salvárão Roma, e he a elles que em parte se deve attribuir sua prosperidade, e sua gloria. Reprimindo o vicio apartárão hum contagio fatal, que, altera, dissolve, e extingue cedo ou tarde o corpo Politico. » Maus exemplos, diz Montesquieu, são peores do que alguns crimes; e muitos Estados acabárão

» mais depressa por violar os costumes, do que por  
» violar as leis. » Que vantagens se não seguirão de  
taes medidas se os homens do poder se resolverem  
a adopta-las! O peso da convicção desvanecerá todas  
as opposições. A felicidade dos povos já certos da sua  
estabilidade, e do seu descanso deverá fazer esque-  
cer todas as pequenas reclamações; e huma nova vi-  
da circulará em todo o Portugal, depois de tantos annos  
opprimido.

---

## O Cidadão Philantropo aos Srs. Reda- ctores do Nacional e da Vedeta.

---

La liberte? ce mot dans ma bouche t'outrage?

Tu crois qu'un sang d'ilote est assez pur pour moi,

.....

Tu crois que de Sejan le dedaigneux sourire

Est un prix assez noble aus coeurs tels que le miens,

Que le Ciel m'a jete la bassesse et la lyre,

A toi l'ame du citoyen?

*De Lamartine.*

---

Por vezes temos visto combatidas com azedume e acrimonia as doutrinas, e os principios d'este Journal, que, so por mal interpretado, poderá talvez ter tido a desventura de desagradar a huma parte dos escriptores nacionaes. Parecia-nos que a boa fe, o amor da Patria, e o dezejo mui nobre, e mui sincero de basear sobre huma unanimidade de vontades o sistema liberal transluzia em cada huma de nossas phrazes, e em cada huma de nossas expressões: lisonjeava-nos a ideia suavissima de que apenas hum numero limitado de individuos, a quem mais dominão as pai-

xões do que a razão, poderia tenazmente contrariar nossos dictames ; porém o resultado nos comprova que esta esperança era illusoria , e que o momento de acalmar os corações, e os espiritos não está tão visinho da época dos combates como nós acreditáramos. Desde o instante em que as doutrinas d'este Jornal forão pela vez primeira enunciadas os Senhores Redactores do Nacional, e da Vedeta se apostarão em qual seria mais tenaz, e porfioso no empenho pouco digno de as contrariar, e refutar. Talvez, que induzidos, e levados mais de hum espirito de leviandade, e irreflexão , do que do desejo criminoso da calúmnia se abalançarão aquelles Senhores a classificar nosso Jornal entre o numero dos sectarios do Despotismo. Não nos fizeram n'isso a justiça que mereciamos, e que julgavamos ter direito a esperar de escriptores tão cordatos ; porém he certo que desde esse momento por diante o nosso silencio seria hum crime , e a nossa acquiescencia hum delicto indesculpavel. Precizo se nos faz que os direitos do Cidadão sejam vingados, e que os sectarios , de todos os partidos não permaneção hum só instante na incerteza desagradavel de nossa profissão de fé politica. — A ordem , a justiça , a união, e a Liberdade — forão as palavras, que tomámos por divisa. Sim, a Liberdade he o nosso Idolo ; nós a consideramos como a doce mãe dos povos , e o bem supremo de todas as nações ; porém a ordem, a justiça, e a união são os satelites d'esse astro luminoso. Como amigos da união temos constantemente procurado acalmar os sentimentos hostis de todos os partidos, a fim de que unanimizadas as vontades, e estancadas as fontes venenosas do resentimento , e da vingança, deixem de existir até os ultimos fermentos de qualquer aballo social. Como amantes da Liberdade temos advogado os direitos do homem Cidadão ; temos votado ao desprezo, e á irrizão os sequazes incorrigiveis

da Tirannia Despotismo ; temos apontado os meios de moralisar e instruir as grandes massas para que, annihilada entre os povos a aspera barreira da ignorancia e fanatismo, possa a propagação dos principios liberaes caminhar pela estrada do progresso sem difficuldade nem torpeços ; em fim, muito, e muito sinceramente havemos aconselhado os homens do poder que não desprezem huma só arte de grangear os corações e as benções de todos os membros de Familia Portugueza , porque conscienciosamente acreditamos que nenhum outro sistema será possível adoptar-se nem mais seguro, nem mais efficaz do que o nosso para basear os alicerces do sistema liberal. Estes são nossos principios , estas são nossas idéas, nossas intenções, nossos patrioticos dezejos. D'elle nos fizeram hum delicto indisculpavel alguns escriptores pouco moderados ; porém a época das paixões terá hum termo , e nós veremos então generosamente reparada a injustiça, que tanto nos magoa, por esses mesmos, que hoje a divinização, e a consagração ; podendo talvez responder-lhes como o sábio De Lamartine aos Redactores da Nemesis.

Un jour de nobles pleurs laveront ce delire,  
 Et ta main, etouffant le son qu'elle a tiré,  
 Plus juste, arrachera des cordes de ta lyre  
 La corde injurieuse où la haine a vibré !

---

ARTIGO SEGUNDO.

*Literatura.*

---

▲ MODERNA ROMA, E SUAS VISINHANÇAS.

*Carta de Mr. F. A. de Chateaubriand a Mr. de Fontanes.*

(Continuada do N.º ant. pag. 42.)

Agora passo, meu bom Amigo, a dizer-vos alguma cousa a respeito d'essas ruínas sobre que muito me pedistes que vos fallasse. Eu as tenho visto todas muito miudamente tanto em Roma como em Napoles, á excepção dos Templos de Postum, que não tive tempo de hir ver. Mas vós sabeis muito bem que ellas devem apresentar differentes caractéres, conforme as lembranças que produzem.

Em huma bella tarde de Julho passado eu me dirigí ao Coliseo, e me sentei nos degraus dos altares consagrados ás dores da Paixão. O sol estava-se a pôr, e derramava rios d'ouro por cima de todas essas galerias, por onde já em outro tempo correu a torrente dos Povos: ao mesmo tempo fortes sombras sahião do interior dos quartos, e corredores, ou cahião sobre a terra em largas cintas negras do cume dos massiços d'architectura. Entre as ruínas do lado direito do Edificio eu devizava o Jardim do Palacio dos Cezares, com huma palmeira, que parece plantada de proposito entre estas ruínas em obzequio dos pintores, e poetas. Em vez dos gritos d'alegria, que em outro tempo davão os espectadores ferozes n'este amphitheatro,

ao verem dilacerar os Cidadãos pelos leões, e pantheras, eu não ouvia agora se não os latidos dos cães do Hermita, que guarda estas ruinas. Mas no momento em que o sol se mergulhou no horisonte o sino do Zimborio de S. Pedro resoou dentro dos Porticos do Coliseo. Esta correspondencia de seus religiosos entre os dous maiores monumentos de Roma pagã, e de Roma Christã me causou huma mui profunda commoção: immediatamente me lembrei que o edificio moderno cahiria por terra como o edificio antigo; e que os monumentos passam como os homens, que os elevão. Igualmente me recordei que esses mesmos Judeos, que nos seus primeiros captiveiros trabalhãrão nos edificios do Egypto, e de Babylonia, havião tambem na sua ultima dispersão edificado este enorme edificio, e que o monumento e as abobedas, debaixo das quaes agora resoava este sino christão, erão obra de hum Imperador Pagão designado pelos prophetas, para consumir a destruição de Jerusalem. E não são, meu Amigo, estes assumptos capazes de excitar bem altas meditações, á vista de huma só ruina? e não vos parece que huma Cidade que a cada passo produz taes effeitos he bem digna de visitar-se? Hontem 9 de Janeiro eu voltei ao Coliseo para o ver em outra estação, e debaixo de outro ponto de vista. Fiquei pasmado ao entrar, de já não ouvir os latidos dos cães, que ordinariamente apparecião nos altos corredores do amphitheatro entre as ruinas, e hervas sêcas. Bati á porta do Hermita, e ninguem me fallou: tinha morrido. A inclemencia da estação, a auzencia do bom solitario; lembranças recentes, e dolorosas excitãrão em mim a tristeza, que inspira este lugar, a ponto que aquillo que eu antes tinha admirado como em toda a sua integridade, e frescura agora simplesmente me pareceu ruina, e desolação. Assim a cada momento somos avisados de que

não somos nada ! O Homem busca externamente razões para d'isto se convencer ; vai meditar entre as ruínas dos monumentos dos Imperios, e ao mesmo passo se esquece que elle he tambem huma ruina ainda mais fraca , e que acabará primeiro do que essas, que piza !

---

ARTIGO TERCEIRO.

*Poesia.*

---

CONGRATULAÇÃO, E ELOGIO.

O Codigo immortal, que sobranceiro  
Ao vôo excelso de Solon, Lycurgo,  
Mais a cima que o sol, que o Ether puro,  
No mais alto do Olympo se aclamára ;  
Do Cerebro de Jove omnisciente  
Sagrada Emanação, nova Progenie,  
De Minerva facunda o esforço extremo,  
Já tinhas, Portugal, pois que o juraste.  
Já rutilando em remontada esfera,  
Vias o Luso a par dos Deoses quasi :  
Do teu ameno Ceo para mais nunca  
Despintado huma vez o Erro, o Crime.  
De baixo de teus pés que segurança !  
Dentro do peito que grandeza d'alma !  
Sobre a Cabeça que montões de Gloria !

E porque então no mar de tantas ditas  
Não saltavas ao vento as velas todas ?

Porque os olhos erguendo á obra prima  
 Dos seculos assombro, á sempre augusta  
 Pyramide eternal, que erguêra o Douro,  
 Raiar em torno de seu cume excelso,  
 Consumado prazer não vias sempre!

João Sexto és bom Pai, mas nós bons filhos:  
 Sem ti descae, desfolha a melhor dita:

Trava nos labios o mais doce nectar  
 Em quanto Regio voto, o sim Augusto....  
 Que escuto!.. ei-lo já sôa, ei-lo troando  
 Pelos Paços Reaes com vivas, vivas.

Das Varandas volvendo sobre a Praça  
 Do Augusto sim reverberos sonóros,  
 Quantas delicias, quantas mil venturas  
 Milhões d'ouvidos d'hum só trago bebem!

Eolo que nos braços ledo o acceita,  
 (Jove assim decretára a bem de Lysia)  
 Eolo dos ventos centuplica as azas;  
 D'hum salto ao Equador, d'outro a Ulysséa,  
 A hum tempo os Lusos extasia todos.

Eis tocado o zenith da gloria extrema:  
 Hum apice não ha que addir-se possa.

He comnosco o bom Rei seu voto he nosso:

A Liberdade, e Rasão, Honra, e Virtude,  
 » Da Natureza o jus intacto sempre... »

E que outra ideia a descripção dos Lusos  
 Do modelo dos Reis forjar ouzava!

Monarchas d'Universo! d'este lance,

Divino lance de João o Sexto,

Os olhos não tereis, e inveja tende.

Reinar n'hum Povo livre he que he ter Reino.

Sobre Escravos reinar he só d'Escravos.

Corôa de Leão não cumpre aos Homens.

O estrago d'Asia, o Macedonio Raio,

Sobre horror, que bem foi da Natureza,

Foi a vergonha do seu sabio Mestre.

Agora sim, na Eternidade agora  
Portugal venturoso a baze assentas:  
Poder não ha, que o teu poder arraste.  
Povo e Rei n'hum só corpo, huma só vida!...  
O Mundo em seus annaes já mais encontra  
Povo mais forte, nem mais firme Throno.  
Que mais desejas Portugal ditoso?  
Nada te resta: Portugal, és tudo.

*Por J. Evangelista.*

---

ODE.

*A' Formosura d'Elisa.*

O' Filhas d'Elicon! O' Musa! O' Estro!  
O' d'Elmano immortal Genio facundo!  
A mente me acendei: aspiro, intento  
Cantar d'Elisa as graças.

Qual mais digno de vós assumpto, ó Musas?  
Qual mais digno de ti Estro do Bardo,  
Que Dio eternizou, os Reis, e os Mares  
Virgens ao pinho alado?

Se Elisa os olhos docemente volve  
Dos olhos n'hum volver Céos se me antolhão;  
Se aos labios meigos hum sorrir lhe assôma  
Vós Ceos não sois tão lindos.

Indo, e volvendo, qual a vaga incerta,  
O seio lhe palpita, e dentro os pômos  
Occulto o Deos d'amor me acêna, e diz-me  
" Aqui, ó Jonio, he Paphos. "

Paphos! Aonde? encantadora Elisa!  
N'esse seio de neve? O' Ceos! O' Deoses!  
Gelai-me o coração, se acaso he crime  
.. Nutrir desejos n'alma.

Não duvides, Elisa, o premio cedem  
Da belleza as rivaes; e Páris, vendo  
Tua fôrma gentil, o aspecto, o garbo,  
Rolou-te aos pes o pômo:

— Venceu — Páris disséra: sim, venceste,  
Que só mimoso o pé rivaes posterga;  
Aonde piza o chão rebentão flores,  
Renascem lirios, rosas.

Mas severa rasão! Severo jugo  
D'insensato capricho! Oh! porque védas  
Recondito thesouro?... Ao Genio, ao Vate  
Qual ha thesouro occulto!

Não tolhem vellos languidos o Lince;  
E se enñarar o Sol, qual Aguia, a fito  
Não he dado a mortaes, he dado ao Genio  
The Ceos fingir na mente.

*Por D. J. d'Azevedo.*

SONETO.

Perdôa, doce bem, ó Lilia amante,  
Os desvarios meus, genio perjuro ;  
Perdôa, doce bem, Lilia, eu to juro  
Não sou qual dantes fui, sou mais constante.

Embora zelos sinta a cada instante  
Sómente contra mim queixas murmuro ;  
Hum castigo mer'ci, e o fado escuro  
No ciume cruel deu-mo bastante.

Sei que era amado, sei que fui ditoso,  
Ganhei teu coração: Numes ! Que digo !  
Insano desprezei o dom precioso !

Se o não recuperar resta o jazigo ?  
Será força o morrer, morro gestoso ;  
Porque o zelo tambem morre comigo.

*Por D. J. d'Azevedo,*

---

GLOSA.

*Teu nome escrevi n'areia,  
Que banha o visinho mar,  
Eu vi as ondas pulando  
Teu nome virem beijar.*

1.

E's tu, Lilia? Ah! se soubéras  
Finezas, que eu tenho feito,  
Alegrar meu triste peito  
Ha quanto tempo viéras !  
Na praia hum passo não déras  
Sem vê-la de sinaes cheia,  
Eu mesmo em zelosa idéa  
Junto das pisadas tuas  
Para ninguem pôr as suas  
*Teu nome escrevi n'area.*

2.

Sem saber d'arte ensopei  
No murice o pincel rude,  
E teu nome como pude  
N'huma taboa desenhei ;  
Digno assento procurei  
Para o quadro collocar ;  
Das velas fiz hum altar,  
Do ramo grosseira tocha,  
E o templo armei n'huma rocha,  
*Que banha o vizinho mar.*

3.

Zeloso Neptuno então  
Roubar-me o Idolo tentou;  
De bravas ondas mandou  
A' praia rijo esquadrão:  
Gelou-se-me o coração  
Ao ver as vagas rolando,  
Mas que alegre scena, quando,  
Do braço d'amor batidas,  
Ao pégo retorcedidas,  
*Eu vi as ondas pulando.*

4.

Este, que agora estendi,  
Chinchorro algozo vem ver;  
Nas boias com que prazer  
Teu doce nome escrevi!  
Tudo está cheio de ti;  
Tudo como eu quer amar,  
The os peixinhos do mar,  
Ardendo em gloria, e ciumes,  
Verás em densos cardumes  
*Teu nome virem beijar.*

*Por J. Evangelista.*

---

ARTIGO QUARTO.

*Variedades.*

---

NOTABILIDADES HISTORICAS.

*Praticas Religiosas do Japaõ.*

A semelhança de muitas praticas Religiosas do Japaõ com as nossas he huma particularidade digna de observar-se: ordem Jerarquica, especie de canonizações, procissões, e perigrinações; penitencias, e austeridades monasticas, alampadas, e cêra nos Templos, especie de contas para rezar, sino que toca para a oração, e o que parece especialmente extraordinario, usa-se no Japaõ o sinal da Cruz, o qual se faz em forma de cruz de Santo André ou em aspa.

---

*Representação do primeiro Ser pelos Egipcios.*

A Filosofia dos Egypcios chegava até hum Ser primeiro, que elles representam na fórmula de hum homem com hum sceptro na mão, e de cuja boca sahia hum ovo. Aquelle ovo, symbolo do Mundo se encontra igualmente entre os Caldeos, os Persas, os Indios, os Gregos, e os Chinezes.

---

*Guerra Sagrada.*

Huma guerra, a que se deu o nome de — *Sagrada* — por ter huma cor falsa de Religião, e por ser misturada de Fanatismo, destruiu a Grecia por espaço de dez annos. Tendo os Foceos, vizinhos do Templo de Delfos, lavrado algumas terras consagradas ao Deos, que n'ellas se adorava, os outros Povos vizinhos, ou fosse para vingar Apollo, ou fosse por algum motivo occulto d'animosidade armárão-se logo contra elles. O Conselho dos Anfictiões os condemnou depois, como sacrilegos. Elles sustentárão a sua acção pertendendo usar dos seus direitos, e authorisando-se tambem de hum Oraculo. Quasi toda a Grecia tomou partido; Sparta, e Athenas em seu favor; Thebas, e outros muitos Povos a favor do Templo. Combatião-se como furiosos. Os Foceos prizioneiros dos Thebanos são mortos como impios abominaveis. Os prizioneiros Thebanos são mortos cruelmente por direito de vingança. — Philippe como habil politico soube, para conquistar a Grecia, aproveitar-se de suas discordias intestinas. — (E não saberemos nos aproveitar-nos dos exemplos da historia!)

## INVESTIGAÇÕES.

*Primeiro Farol.*

Ptolomeo Soter, o mais amavel dos successores de Alexandre, edificou a famosa torre de Faros, sobre a qual brilhava huma alampada immensa, destinada á segurança, e guia dos navegantes. Esta foi a primeira obra de hum tal genero conhecida entre os antigos, e do nome da Cidade onde primeiramente foi construida se derivou depois aquelle, com que hoje se denominão todas as outras destinadas a igual fim.

*Sepultura de Camões.*

Luiz de Camões, o poeta por excellencia, que, segundo a expressão de hum seu digno apologista — expirou com a Patria — falleceu em o anno de 1579, em tal esquecimento, que athe se ignora o dia, e o mez em que acabou a vida. Foi sepultado na Igreja de Santa Anna da Cidade de Lisboa, e D. Gonçalo Coutinho, nobre Fidalgo Portuguez, lhe mandou cobrir a sepultura com huma pedra rasa, aonde se lia gravado o seguinte Epitaphio.

*Aqui jaz Luiz de Camões: Principe dos Poetas do seu tempo:  
Viveu pobre e miseravelmente,  
E assim morreu o anno de MDLXXIX.  
Esta campa lhe mandou pôr D. Gonçalo Coutinho,  
Na qual se não enterrará pessoa alguma.*

Mas ó vergonha! ó dor! A Igreja de Santa Anna ten-

do sido derribada pelo terremoto de 1755, quando ao depois foi reedificada, a ninguem lembrou a sepultura de Camões, nem o conservar sagrado o lugar d'esta, e a campa posta por D. Gonçalo Coutinho. Finalmente não existe hum só monumento em Portugal, dedicado á memoria d'aquelle raro ingenho, a quem este paiz mais deve ! e, pelo dizer com hum alto ingenho

*Nem o humilde lugar, onde repousão*

*As Cinzas de Camões conhece o Luso:*

J. B. G.

### *Uso do fogo.*

Por muito tempo os homens desconhecêrão o fogo, ou para melhor dizer o modo de o conservar, e reproduzir. Os Gregos suppunhão-o vindo do Ceo: testemunha a fabula de Prometheo. Em 1525, quando Magalhães aportou ás Ilhas Marianas, os Selvagens tomárão este elemento por hum animal, que comia pão. Tendo-o tocado, e tendo-se queimado não se atrevião a olhar para elle se não de longe. Em o Perú, e no Mexico não se conhecia ao tempo do seu descobrimento, o modo de empregar o fogo na Metalurgia, posto que o ouro brilhava nos Templos, e servia á magnificencia dos Principes.

### *Sepulchro de Cyro.*

Os Escriptores da vida d'Alexandre Magno testificão que em tempo de Alexandre se achára na Pér

sia o Sepulchro de Cyro com a seguinte inscripção :  
 — O' Homem ! eu sou Cyro, que fundei o Imperio da  
 Persia, e fui Rei da Asia. Não m'invejes o Sepul-  
 chro. —

---

*Os primeiros Atheos.*

Quasi no fim da quinquagesima Olimpiada, seiscentos annos, pouco mais ou menos, antes da éra Christã appareceu o Philosopho Anaximundo, de quem primeiro se conhecêrão as idéas de Atheismo. Foi seguida por Leucippo, Democrito, Epicuro, Estratão, Lucrecio, e por toda a escola dos Atomistas.

---

*Carta de Plutarco a Trajano.*

Visto que deveis o Imperio ao vosso merito, e não ás vossas intrigas, permitti-me, Principe, que applauda as vossas virtudes, e que me felicite da minha felicidade. Se conservardes no Throno a sabedoria, que vos fez digno d'elle nada faltará á minha alegria; porém se o poder supremo corromper a vossa alma serei exposto a mil perigos, e envergonhar-me-hei por vosso respeito. As faltas do discipulo recahem sobre o Mestre. Accusão a Seneca dos crimes de Nero. A censura não poupou Socrates, nem Quintiliano; fizeram-os responsaveis dos erros de seus discipulos. A vós só pertence cobrir-me de gloria: sêde o que sempre fostes. Domai as vossas paixões, e tomai a virtude por alvo das vossas acções. Se seguirdes estes conselhos eu me gloriarei de vo-los ter dado, e se os desprezardes esta carta provará em meu favor, e provará que vossos erros não são o fructo dos preceitos nem dos conselhos de Plutarco.

*Peca official. (a)*

*Pastoral do Ex<sup>mo</sup> Sr. Dom Fr. Alexandre da Sagrada Familia Bispo d'Angra, dirigida á R.<sup>da</sup> Vigaria do Convento de S. João Evangelista da Cidade de Ponta Delgada na Ilha de S. Miguel.*

*Reverenda Madre Vigaria em Capite.*

Desde que sahi d'essa Ilha athe hoje nem hum só dia nos esqueceu rogar a Deos por essa communi-  
dade, lembrando-nos, de continuo o muito, que lhe eramos  
obrigados; mas n'isso mesmo se vio nossa tibieza, e frou-  
xidão; pois de tantas orações nenhum fructo se colheu:  
maldades, e escandalos, he o que tem visto o mundo  
nascer, e crescer dentro d'essas paredes, com descon-  
solação, e indizivel mágoa nossa: Oxalá, que prestas-  
se o nosso sangue para remedio de tantos, e taes ma-  
les. Não presta; mas certamente presta o de Jesus, e  
por este pedimos o que tanto dezejamos, e não podemos  
impetrar, para todas, e cada uma d'essas religiosas. Tei-  
maremos a pedir; mas he precizo, que tambem ellas  
nos ajudem, unindo com o sangue de Jezus Christo suas  
lagrimas, suas preces, seus fervorosos prepositos; he  
precizo, que o zelo activo do Prelado ache corações  
doceis e flexiveis nas subditas, para que unidos os ex-

---

(a) Havendo casualmente deparado, entre velhos alfarrabios, com a Pastoral, que transcrevemos; e summamente deleitados na unção Apostolica, que por toda ella se respira, nos pareceu não seria desagradavel a nossos Leitores o verem-na inserida em o nosso Jornal, certos de que, quando menos, encontrarão em sua leitura hum monumento historico bem curioso.

forços consigamos de Deos a *paz*, que anda tão deterrada d'esse mosteiro, e que só do Ceo nos póde vir; que em quanto a buscarmos no Mundo não a havemos de achar. Quanto a nós desde o dia da nossa posse, temos por dez dias, em frequentes conferencias com o crucifixo, excogitado arbitrios, e meios de reconquistar para com Deos os corações, que ahi o tem deixado; sem o que em vão queremos a *paz* e parece-nos ouvir da boca do mesmo Senhor que a conseguiremos pela brandura, e clemencia mais do que pela força e authoridade; e para mostrarmos quão dispostos estamos a seguir este caminho, e obrar conforme o genio do mesmo Deos (reservando para outra occasião dirigir a nossa voz aos outros mosteiros menos necessitados) agora só vamos rogar a V. R. que em recebendo estas regras, vá, vá, vá logo pessoalmente com a communitate ás cellas, que prezentemente servem de casa de disciplina, e pondo em liberdade as dez religiosas penitenciadas, com ellas, e com todas caminhe ao coro, e alli com a maior devoção, que poderem (oh! se quizesse Deos que a todas acudissem lagrimas penitentes, e inter necidas) entoando as preces da Igreja, no fim d'ellas levante-se V. R. só, e chegando á que antes era Abbadesa entregue-lhe as chaves, e sellos do Convento, e ajoelhando, preste-lhe obediencia, paz e amor verdadeiro. De todas confiamos que imitarão esse exemplo, e que a força d'elle dobrará os corações queixosos, sendo poderosa a graça para fazer que esta scena seja seguida de outras de nova edificação. Pedimos, Madre, pedimos nas entranhas de Jezus esta condescendencia: pede o mesmo Jezus. N'elle esperamos que não se nos negue no principio do nosso Apostolado a consolação de vermos renascer n'essa casa a tranquillidade, e a verdadeira paz. Angra 14 de Novembro de 1816. — De V. R. — V. e S. — Fr. B. d'Angra.